

Terreiro de Areia¹

Vitor Shimomura SPINELLI²

Flávia Garcia GUIDOTTI³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A fotorreportagem Terreiro de Areia traz um olhar sobre a Umbanda, revelando sua presença e permanência em uma sociedade que sofreu fortemente a imposição da igreja Católica. O objetivo principal situa-se na representação da resistência do povo negro ou afrodescendente para manter a base religiosa de seus antepassados. Originários de segmentos marginalizados em nossa sociedade, os terreiros que estavam presentes nas cidades brasileiras desde o período colonial tornaram-se espaços de encontro, lazer e solidariedade para negros, mulatos e pobres em geral. Neles, encontraram o espaço onde reconstituir suas heranças e experiências sociais, afirmando sua identidade cultural e ganhando cada vez mais adeptos, inclusive em Florianópolis, onde este trabalho fotojornalístico foi realizado.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; fotorreportagem; Terreiro de Umbanda; Religiões afro-brasileiras; Favela do Siri, Florianópolis, SC.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Censo IBGE de 2010⁴, cerca de 407 mil brasileiros declararam-se seguidores da Umbanda, e 167 mil do Candomblé. Além disso, 14 mil afirmaram seguir cultos com raízes africanas. Somados, estes números equivalem a aproximadamente 0,3% da população brasileira. Somente na Grande Florianópolis existem mais de 2000 casas de religiões de matriz africana, segundo levantamento do Projeto SOS Racismo, da Universidade Estácio de Sá (RAMLOV; TECCHIO, 2015).

A história dessas religiões inclui, necessariamente, o contexto das relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas entre os seus principais grupos formadores: negros, brancos e índios. No caso da Umbanda, de formação mais recente, seu desenvolvimento foi

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 12 Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série).

² Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e-mail: vitorshimomura@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e-mail: flaviaguidotti@gmail.com

⁴ Último censo demográfico que revela dados sobre as religiões dos brasileiros. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_relig. Acesso em: 15 abr. 2016.

marcado pela busca de um modelo que pudesse integrar legitimamente as contribuições dos grupos que compõem a sociedade, com ênfase em apresentar-se como uma religião genuinamente nacional. Entre outros fatores, também está a necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social. Em Florianópolis, segundo a pesquisadora Cristiana Tramonte

Nas primeiras décadas do século XX, prosseguiu uma trajetória cuja peculiaridade se diferencia completamente da Bahia, considerada o berço das religiões de origem africana. Por ser a capital de um estado marcado pela imigração europeia e pelo desejo das elites nacionais e locais de construir uma “Europa brasileira” em Santa Catarina, a população negra teve aqui dificuldades extraordinárias para organizar-se. (TRAMONTE, 2014, p.1358).

A intolerância às religiões de origem africana é considerada umas das faces do racismo brasileiro e, deste modo, por serem originárias de segmentos marginalizados em nossa sociedade, elas sofreram com constantes perseguições por parte de órgãos, instituições e fiéis de outras religiões que as apresentavam sempre de forma preconceituosa e descabida, como salienta Silva:

É o caso dos autos da Visitação do Santo Ofício da Inquisição, nos quais estão registrados os processos de julgamento de muitos adeptos dos cultos afro-brasileiros que foram perseguidos (sob a acusação de praticarem "bruxaria") pela Igreja Católica no Brasil colonial. (SILVA, 2005, p. 12).

Hoje, a criminalização da Umbanda também pode ser vista em boletins de ocorrência feitos pela polícia, que relatam a invasão de terreiros e a prisão de seus membros, sob a acusação de praticarem curandeirismo, charlatanismo, etc. Em Florianópolis, os casos mais frequentes são os retratados no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA): o som dos atabaques e agogôs, quando tocam nas áreas mais urbanas da capital, causam problemas. A União de Cultura Negra em Santa Catarina (UNIAFRO) estima que nos últimos dois anos foram multados cerca 130 terreiros de Umbanda em Florianópolis e região. Já a Fundação Municipal do Meio Ambiente (Floram) afirma que 39 casas sofreram reclamações de vizinhos e foram multadas ou notificadas. As multas foram de R\$ 3 mil e R\$ 3,5 mil (RAMLOV; TECCHIO, 2015).

Os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de culto aos espíritos, – distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa

sociedade –, têm sido associados a estereótipos como "magia negra" ou religiões "atrasadas" por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs. No entanto, Nascimento ressalta a importância da ascensão da religião no Brasil:

O candomblé e a Umbanda se fazem práticas essenciais de resistência africana no Brasil. A Umbanda porque procurou, pela ação da classe média branca e depois dos segmentos menos favorecidos da população, em sua maioria negra e mulata, refazer a ideia de Brasil inserindo a África, o africano e sua cultura como elemento da constituição da nação brasileira, ainda que de forma depurativa (NASCIMENTO, 2010, p. 392).

Por todas as questões citadas acima, este projeto fotográfico foi pensado e organizado com o intuito de demonstrar, de forma verdadeira e crítica, a força e a singularidade da Umbanda, com o intuito de quebrar os preconceitos existentes em nossa sociedade, impostos e repassados desde o período colonial.

2 OBJETIVO

Este trabalho foi realizado durante a disciplina de Fotojornalismo III, ministrada pela professora Flávia Guidotti, no primeiro semestre de 2015, para o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e teve como objetivo mostrar a representatividade e o poder das religiões afrodescendentes. Visando a quebra de paradigmas de preconceitos, as imagens trazem o peso de dialogar e traduzir o que a Umbanda é, em essência: uma ligação com a ancestralidade africana, em sintonia com a natureza, para o cuidado, acolhimento e respeito ao outro. A partir do contato com o terreiro de Mãe Mari, na Favela do Siri, entendi que documentar não seria o suficiente, pois, muitos são os documentaristas que produzem ótimos trabalhos visualmente sobre a Umbanda, mas quase sempre exibindo olhares colonizadores, tentando investigar os “mistérios” de uma religião “exótica”. Por isso, este trabalho foi elaborado com o intuito de trazer uma visão de contraponto àquela usualmente realizada pelos demais profissionais da área.

Para isso, é necessário construir uma nova imagem das religiões de matriz africana: a Umbanda e o povo de Santo não são exóticos, muito menos suas divindades são. Hoje em dia, com a busca incessante de fotografias exuberantes, poucos são os profissionais que se comprometem a compartilhar e registrar imagens que dialoguem, que motivem e sensibilizem a partir da verdadeira essência do terreiro. É preciso que nós, enquanto

estudantes e futuros profissionais da imagem, usemos nossas ferramentas também como instrumento de combate ao preconceito religioso. Para Sodré, é esta relevância que faz dos terreiros, locais de ressocialização e integração das classes marginalizadas:

Do lado dos ex-escravos o terreiro... afigura-se como a forma social negro brasileira por excelência, porque, além da diversidade existencial e cultural que engendra é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais (SODRÉ, 1998, p. 19).

Portanto, equalizando teoria e prática do Jornalismo, este trabalho foi pensado durante todo o semestre com o intuito de possibilitar a vivência crítica da fotografia, tanto no âmbito social como no acadêmico. Além disso, o projeto teve como objetivo, aperfeiçoar o domínio do equipamento fotográfico e aprofundar a compreensão do funcionamento da tecnologia fotografia digital e de seu impacto na linguagem fotográfica jornalística e na sociedade. O presente ensaio fotográfico foi realizado em um final de semana, no terreiro Caboclo Rompe-Mato de Mãe Mari, localizado na Favela do Siri entre as dunas da Praia dos Ingleses, no norte de Florianópolis.

3 JUSTIFICATIVA

O Brasil é o país com a maior comunidade de negros e negras fora do continente africano no mundo. De acordo com dados do Censo, cerca de 51% dos brasileiros se declararam negros e Salvador (BA) é o local onde vivem mais negros fora da África, são 51% da população, ou cerca de 1,3 milhões de pessoas. Diante da expressividade dos números, vê-se a necessidade de estudar as religiões de matriz africana, cada vez mais presentes nas cidades do país. No sul do Brasil, desde o século XIX existem terreiros em várias localidades da Ilha de Santa Catarina. No entanto, a religião e o povo de Santo sempre sofreu com impasses: O Código de Posturas da Câmara Municipal da cidade de Desterro era específico no Artigo 38, de 1845, que “proibia os ajuntamentos de escravos ou libertos (...) que tiverem por objetivo os souts reinados africanos” (RAMLOV; TECCHIO, 2015). Esse impedimento, segundo Silva, faz parte de um processo histórico de resistência e empoderamento do povo negro e de pobres em geral ao catolicismo.

As investidas da aristocracia branca contra as transformações que a religiosidade africana impôs ao catolicismo fizeram com que a Igreja, em muitos casos, proibisse a realização das cerimônias dos negros junto com as festas católicas. Os negros, impedidos de participarem das irmandades dos brancos, foram reunidos em irmandades religiosas próprias, separadas segundo a cor de pele e a

condição de escravo ou de liberto. Uma das mais conhecidas irmandades foi a de Nossa Senhora do Rosário, estabelecida em vários pontos do Brasil. (SILVA, 1994, p. 40).

Como se percebe, em consequência desse ideal de civilização branca, moderna e cientificista, os negros foram sendo expulsos da vida social de nossas cidades ou responsabilizados "cientificamente" pelo atraso cultural, tendo de sobreviver material e culturalmente, às vezes absorvendo os preconceitos de que eram vítimas, ora enaltecendo seus valores, afirmando suas diferenças e buscando nelas formas de se articularem alternativamente aos padrões do mundo branco dominante. Hieda e Alves apontam:

Dentre os preconceitos, o mais frequente é associar um Orixá ao demônio. Soa como comparar Nossa Senhora Aparecida ao Diabo para um católico. O desrespeito ao primeiro é o mesmo que o segundo. Um orixá é um Deus que representa um elemento da natureza. Segundo Patrícia Birman são divindades africanas relacionados com determinados domínios da terra. Não existe nada de diabólico como prega muitas pessoas. (HIEDA; ALVES, 2011, p.3).

Por isso, utilizo a fotografia neste projeto para demonstrar o poder da Umbanda através do tempo. Hoje, ela representa uma importante estratégia para seus adeptos, já que na história dessas pessoas a religião obteve papel tanto como elemento de resistência como para galgarem os degraus da aceitação social.

Observa-se que, ao longo da história, diversas maneiras de se explicar Deus, seja de forma politeísta ou não. Cada sociedade deve ter o direito de expressar suas crenças, assim como todo cidadão, ainda mais quando existe um respaldo jurídico como no Brasil. Independente de credo ou etnia o importante é manter o respeito à diversidade cultural.

Diante do exposto, a proposta era de elaborar um ensaio fotográfico que valoriza tanto a pauta e o trabalho fotojornalístico, como também a história da religião, sendo uma maneira de divulgar e dar apoio ao seguimento na cidade, pouco explorado nos meios jornalísticos locais. Para isso, foi preciso estar atento a um objetivo e uma intenção fotográfica de mostrar um ponto de vista muito próprio, que valorizasse linguagens e métodos carregados de força e expressividade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A disciplina de Fotojornalismo III visou aprofundar as técnicas fotográficas aplicadas à fotorreportagem, bem como explorar a forma de compreensão e análise das imagens, seus diferentes contextos e significados. Além disso, durante as aulas práticas

tivemos auxílio para dominar os principais componentes de uma câmera DSLR, e a partir do exercício de construir a pauta, apurá-la e executá-la em formato de fotorreportagem, este ensaio foi realizado.

Para o registro das imagens do projeto, foi necessário um contato prévio com a dona do local, Mãe Mari, com o intuito de obter o aval para fotografar o ritual. Também foi importante, no dia do registro, chegar na Favela do Siri previamente para conhecer a comunidade, absorver as ideias do povo de Santo e do terreiro, para depois se ater às questões técnicas como condições de luz, bem como os possíveis planos de fundo, composições e enquadramentos que poderiam ser feitos para o ensaio fotográfico. Depois de analisar o espaço, munido de uma câmera Nikon D300 e lente da mesma marca 24mm f/2.8, comecei a pensar que as fotografias deveriam carregar a essência do poder da Umbanda, com muitas cores, movimentos, ritmo e expressividade, o que me fez optar por enquadramentos que privilegiassem o rosto, as feições, a dança e os detalhes do ritual.

Por se tratar de um ambiente com pouca iluminação, optei por utilizar flash. A utilização da lente grande angular foi importante para alternar os planos, abrangendo outros elementos que a lente normal não captaria, como detalhes do terreiro, a interação dos seguidores com a mãe de santo, o cenário e a localidade. Durante a execução do ensaio fotográfico foram utilizados como elementos expressivos as técnicas de regra dos terços, composição horizontal, sombras, plano de fundo, longa exposição e congelamento de movimentos. No entanto, tais regras não foram unânimes na execução do ensaio fotográfico, pois, o objetivo era de diversificar o conjunto, podendo criar um registro com diversos tipos de enquadramentos e composições, expondo distintos olhares sobre o acontecimento.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Antes mesmo de entrar na graduação, o meu interesse por fotografia já era acentuado. Com o decorrer dos anos e a convivência com os professores de fotojornalismo, em especial Flávia Guidotti, em sala de aula, me fez perceber que esse era o formato ideal para o meu Projeto. Comecei a frequentar os rituais de Umbanda em terreiros espalhados pela cidade e iniciei a busca por bibliografias a respeito do processo histórico das religiões de matriz africana e, conseqüentemente, da sua importância na emancipação e resistência das classes marginalizadas da sociedade. Com um olhar crítico a respeito da Umbanda, o produto é composto por um conjunto de fotografias que exibem uma narrativa

fotojornalística sobre a vivência no terreiro Caboclo Rompe-Mato, propondo uma "linha cronológica" que enfatiza os momentos do ritual.

Neste trabalho, a Favela do Siri, o terreiro, Mãe Mari e o povo de Santo são retratados em um espaço apertado e com pouca entrada de luz, fazendo necessário a utilização de uma câmera com flash, com o objetivo de captar tanto um estilo de composição com enquadramento amplo, como também retratos sinceros, fortes e limpos – sem a perda de qualidade ou granulação da imagem. Dentro da proposta do ensaio, estava abordar a dança ritualística da Umbanda, considerada pelo povo de Santo como uma oração corporal, tendo a prece em constante movimento. Segundo Fátima:

A dança é uma linguagem, que no candomblé ocupa uma dimensão maior: conta uma história, imita e chama os deuses, os recebe e os expressa. Faz uma ressignificação da vida, revelando na incorporação a grandeza da divindade, a união, a solidariedade, o inconsciente e a memória coletiva de um povo, o valor da religião no cotidiano, tudo isso repetido nos gestos, mostrando que os deuses estão presentes, pois seus fiéis lhes são caros. (FÁTIMA, 2001, p. 83)

O ritual começou no final de tarde e as condições me fizeram optar por fazer um registro com planos mais fechados, que retratassem o espaço e os personagens com fotos de detalhes e de movimento. A utilização da lente 24mm com abertura f/2.8 ajudou ao destacar o motivo principal, além de dar a possibilidade de captar imagens em melhor qualidade por ser uma lente clara, ou seja, que capta uma maior entrada de luz e, conseqüentemente, mais segurança e flexibilidade para clicar em locais com pouca luz.

No trabalho de campo, os principais aliados foram a sensibilidade, a percepção e o conhecimento do ritual, – fatores fundamentais para perceber qual seria o “instante decisivo”⁵ para retratar determinado motivo. Com isso, consegui criar um ensaio que sintetizasse o assunto e que pudesse captar a essência dessa religião tão representativa para a sociedade e para a vida do povo de Santo.

Para apresentar este trabalho, foram selecionadas doze fotografias organizadas em um fotolivro, inserindo capa e apresentação escrita na abertura e créditos. Além disso, as imagens aparecem em uma sequência lógica narrativa, que permite vivenciarmos os rituais do Terreiro.

Em relação ao processo, durante a visita à Favela do Siri, Mãe Mari e sua família mostraram-se bastante receptivos e tranquilos com a minha presença, fazendo com que todo

⁵ O conceito de Instante decisivo está sendo utilizado no sentido que Henri Cartier-Bresson o concebeu, ou seja, o momento exato do clique, onde alinha-se cabeça, olho e coração para a realização da fotografia.

o processo fosse realizado com total sintonia entre fotógrafo e fotografados, não tendo dificuldades para captar as imagens necessárias para compor uma boa narrativa.

Por fim, durante a captura dos momentos, optei por realizar fotografias que se enquadrassem na categoria *feature photos*, conforme a sistematização de Jorge Pedro Souza (2002), ou seja, fotos que encontram grande parte de sentido em si próprias, permitindo maior liberdade artística ao fotógrafo, não se prendendo somente aos conceitos e regras expostos dentro de sala de aula, mas sim na autenticidade, criatividade e independência que todo fotógrafo necessita para realizar boas fotografias.

6 CONSIDERAÇÕES

A segregação social entre brancos, negros e índios não significou que suas tradições culturais se mantivessem impermeáveis umas às outras. O que se verificou no universo religioso do Brasil colonial é que as religiões que o compunham romperam seus limites e se traduziram mutuamente, dando origem às novas formas, mistas, afro-brasileiras. Conforme Gonçalves destaca:

Não existem religiões superiores ou inferiores, certas ou erradas, do bem ou do mal, pois essas classificações resultam mais de juízos éticos ou julgamentos subjetivos para os quais não há consenso possível. O Estado é laico. O ofício de uma missa, por exemplo, comporta uma série de atos simbólicos ou operações mágicas (como as bênçãos, a transubstanciação da hóstia em corpo de Cristo, etc.). (GONÇALVES, 2005, p.14)

Outras razões que dificultam o relato da história das religiões afro-brasileiras, além das já citadas neste trabalho, são suas características particulares de contraposição à imposição de modelos. Trata-se de religiões cujos princípios e práticas doutrinárias são, em geral, estabelecidos e transmitidos oralmente. Não há nelas livros sagrados como a Bíblia, por exemplo, que registrem sua doutrina de forma unificada ou sua história. Neste sentido, suas religiões não são institucionalizadas.

Além disso, ao contrário do que acontece, por exemplo, com a Igreja católica, que tem uma hierarquia centralizada na figura do Papa e estabelece princípios doutrinários válidos para as suas igrejas em todo o mundo, os terreiros são autônomos. Sua configuração não é muito machista, não tendo a presença de padre ou pastor, e a religião não admite o terreiro como palanque para se desenvolver discursos políticos e interesses econômicos,

como a ostentação para fins de acúmulo individual. Ademais, seu acesso é democrático, apesar de exigir estudo.

Por fim, em relação a outras religiões, a Umbanda tem em sua estrutura mais espaços destinados às mulheres, muito bem representadas por meio das pombagiras. No entanto, difamações preconceituosas a seu respeito se propagam, enquanto, na contramão, trabalhos acadêmicos têm abordado a pombagira ou Maria Padilha como grandes protetoras das mulheres, sendo evocadas, principalmente, como representantes de um feminino associado à força, à coragem e à liberdade. É o caso do trabalho de Bairrão e Barros:

A pombagira é “mulher” e apresenta-se como elaboração de feminino porque assim se perfaz, aquém e independentemente de “ser” das ruas, ocupar os espaços públicos, ser valente, dona da própria sexualidade, exigente e se mostrar combativa (BAIRRÃO; BARROS, 2015, p.142).

Tendo em vista o resultado deste projeto, vi o quanto é importante valorizar o olhar fotográfico. Fazer fotos é muito mais que apenas posicionar a câmera e apertar o botão, é preciso um objetivo, uma intencionalidade, um olhar crítico e próprio de cada fotógrafo no momento de registrar um fato.

Por fim, este trabalho traz em sua essência o fotodocumentarismo de denúncia, já que evidencia um problema de origem social explorando uma das mazelas que afeta a sociedade, sejam elas em temas relacionados à condição do ser humano e seu ambiente, conflitos étnicos e religiosos, desigualdade social ou guerras, portanto, ao vivenciar a Favela do Siri, tomei conhecimento destas especificidades da profissão que, como sugere Paulo César Boni, "contribui para que pessoas possam agir e modificar fatos e realidades" (2008, p. 2).

Em tal contexto, é imprescindível que o fotojornalista tenha um olhar engajado sobre o acontecimento, para que possa desempenhar com ética e coerência um papel de "mediador cultural ao traduzir em imagens técnicas sua experiência subjetiva frente ao mundo social" (MAUAD, 2008, p.37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de “mulher”?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 126-145, 2015.
- BIRMAN, Patricia. **O Que é Umbanda?** São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1985.

BONI, Paulo César. **O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade.** Disponível em:

<<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0475-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CARTIER-BRESSON, Henri. **El momento decisivo.** Disponível em: <<https://fotojornalismojf.files.wordpress.com/2007/09/el-momento-decisivo.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2016.

FÁTIMA, Conceição Viana. **Dança: linguagem do transcendente.** Universidade Católica de Goiás, 2001.

HIEDA, Monique Ferreira; ALVES, Angélica Aparecida. Intolerância religiosa a Umbanda: a perseguição da Igreja Universal do Reino de Deus aos umbandistas. **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR), v. III, n. 9, jan. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010: Religião.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_relig>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual.** Niterói: Editora da UFF, 2008. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/A_Mauad.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas Religiosas da Identidade Negra no Brasil.** RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 2010.

RAMLOV, Cintya; TECCHIO, Manuela. Floram multa terreiros de Umbanda por barulho: Burocracia e preconceito ameaçam a liberdade religiosa do Povo de Santo. **Zero,** Florianópolis, junho, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@zeroufsc/floram-multa-terreiros-de-umbanda-por-barulho-fe726baa05#.274gm45gt>. Acesso em: 16 abr. 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira.** São Paulo, Ed. Selo Negro, 2005.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia Imprensa.** Florianópolis, Ed. Letras Contemporâneas, 2004.

TRAMONTE, Cristiana. Religião, resistência e história: construção e afirmação da Umbanda em Santa Catarina. **Mouseion,** Canoas. n. 17, abr., 2014, p. 89-97.